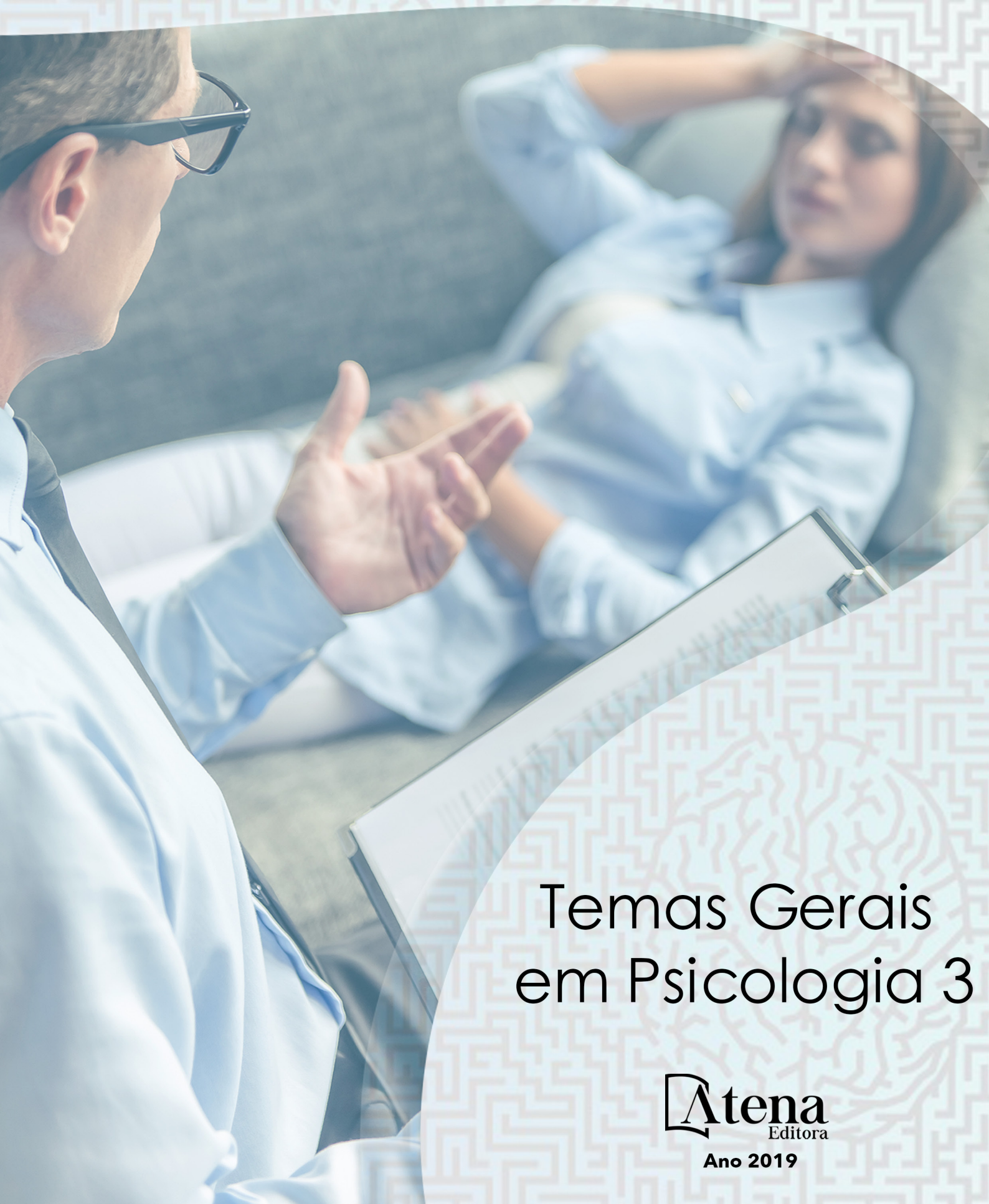


**Janaina Merhy  
(Organizadora)**



# Temas Gerais em Psicologia 3

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Janaina Merhy**  
(Organizadora)

# **Temas Gerais em Psicologia 3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T278 Temas gerais em psicologia 3 / Organizadora Janaina Merhy. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Temas gerais em psicologia; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-207-4

DOI 10.22533/at.ed.074192603

1. Psicologia. I. Merhy, Janaina. II. Série.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

Na contemporaneidade, a cada dia novos desafios se apresentam ao campo da Psicologia; ou talvez possamos dizer que a cada dia os psicólogos e psicólogas, em suas diversas frentes de trabalho e observação, corajosamente lançam seu olhar aos mais variados fenômenos do século XXI.

Antigos papéis já não têm espaço na sociedade que começamos a desvendar. Antigas respostas, teorias ou técnicas, não resolvem mais grande parte das perguntas; é uma nova problemática, uma nova lógica, há uma nova tessitura. A Psicologia certamente não tem todas as novas respostas, mas entende que o momento é de acolher as demandas, ouvir os sujeitos, pesquisar, questionar e formular não só propostas, mas, antes de mais nada, ajudar a fazer as perguntas que podem servir de bússola para a transformação que precisamos desenvolver.

Nesta obra, encontramos o questionamento sobre como é a experiência plural de ser mulher nos dias de hoje, qual o lugar da mulher na pesquisa, no campo do trabalho. Tantas décadas após o início luta feminista por espaço social, quais as conquistas? Qual a expectativa? Como é esta experiência?

E o que acontece quando pensamos no adolescente, fazendo a passagem por esta etapa turbulenta do desenvolvimento sem o amparo de uma sociedade minimamente responsiva? O que fazer para reduzir os conflitos destrutivos na escola, a violência exposta e descontrolada? É possível entender esta violência adolescente, as infrações, como uma nova forma de subjetivação? Quase que uma estratégia de sobrevivência frente às condições apresentadas à infância e juventude? E pensando nestas condições ofertadas às crianças, o que acontece com os sujeitos com necessidades educacionais específicas? Como tem funcionado o processo de inclusão escolar, como a Psicopedagogia pode ajudar a minimizar o fracasso escolar nestes casos?

São muitas investigações que encontramos em **Temas Gerais em Psicologia 3**, novas perguntas que tentamos elaborar para compreender uma nova realidade. Na área da formação universitária, quanto os futuros psicólogos sabem sobre a atuação do acompanhante terapêutico? E quanto as demandas de um curso de Medicina podem gerar estresse nos jovens universitários?

Se os desafios atuais são imensos, o que pode ajudar o sujeito contemporâneo a transitar pelo mundo tal qual ele se apresenta? A atividade física e os esportes são um antigo remédio que mantém seu potencial benéfico e pode ajudar muito na redução do mal-estar causado por um dos principais sintomas dos dias atuais, a ansiedade. Será que outro remédio antigo, a religiosidade, pode ajudar e servir como fator de proteção contra o suicídio e depressão?

Mais do que nunca é preciso manter em mente a constituição humana, biopsicossocial e espiritual, entendemos que nenhuma resposta será efetiva sem que a complexidade do ser humano seja vislumbrada. Os questionamentos são múltiplos e este é o maior sinal de que as soluções estão a caminho.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO PARA ACADÊMICOS DE UM CURSO DE PSICOLOGIA NO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL	
<i>Fernanda Castilho da Silva Moura</i> <i>Felipe Maciel dos Santos Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
DA INFRAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Priscila Souza Vicente Penna</i> <i>Ana Maria Loffredo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
ESTRESSE NOS ESTUDANTES DOS 3º ANOS DE MEDICINA DA UNIVERSIDAD INTERNACIONAL TRES FRONTEIRAS, CIUDAD DEL ESTE, PARAGUAI 2016	
<i>Viviane Barbosa da Silva</i> <i>Taciana Ramos de Albuquerque</i> <i>Elnatã Pedra Vitorino</i> <i>Felipy Cezar de Paula</i> <i>Gigliely Gonçalves Gomes Lima</i> <i>Jessica Correa Freitas</i> <i>Joannes Magnus Borges Pinheiro</i> <i>Maycon Pereira Gonçalves</i> <i>Nilsa Elizabeth Gonzalez</i> <i>Elder Oliveira da Silva</i> <i>Pasionaria Rosa Ramos Ruiz Diaz</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
INTERFACE ENTRE A PSICOPEDAGOGIA E O PROCESSO DE EFETIVAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS	
<i>Sandra Lia de Oliveira Neves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
OS BENEFÍCIOS DO ESPORTE COMO PRATICAR COMPLEMENTAR DA PSICOLOGIA	
<i>Fernanda Gonçalves da Silva</i> <i>Luiz Carlos Bernardino Marçal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE COMO UM PROVÁVEL ELEMENTO DE PROTEÇÃO À PRÁTICA DO SUICÍDIO	
<i>Airilço Chaves Nantes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926036</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>80</b>
SER MULHER, SER PESQUISADORA E SER PSICÓLOGA: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR SOCIAL DA MULHER NA CIÊNCIA E NA PROFISSÃO	
<i>Andréa Moreira Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926037</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>87</b>
VIOLÊNCIA INTERNA E CIRCUNDANTE À ESCOLA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, ADOLESCÊNCIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE	
<i>Samuel Cabanha</i>	
<i>Irani Batista de Araújo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0741926038</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>100</b>

## VIOLÊNCIA INTERNA E CIRCUNDANTE À ESCOLA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, ADOLESCÊNCIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE<sup>1</sup>

### Samuel Cabanha

Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras - UNIOESTE, Foz do Iguaçu/PR. Psicólogo. Especialista em Educação – UTFPR (2009), Especialista em Terapia Cognitiva pelo Instituto Paranaense de Terapia Cognitiva – IPTC (2015). - Contato: samuelcabanha@ globo.com

### Irani Batista de Araújo

Mestra do Programa *Stricto Sensu* em Nível de Mestrado Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE, Foz do Iguaçu/PR. Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino – UTFPR; e em Pré-Escolar Alfabetização - Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral. Graduada em Pedagogia – UFRN. Contato: irany\_52@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva apresentar uma visão da violência *na, da e contra* a escola no bairro Porto Belo na cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu. As práticas apresentadas estão relacionadas tanto aos problemas internos (desacato, agressão verbal e física, ameaça), quanto aos externos (contrabando e tráfico de drogas) do cotidiano escolar. As informações foram obtidas na pesquisa de campo realizada na instituição

de ensino do bairro por meio de observações, entrevistas abertas e aplicação de questionários com adolescentes, professores e funcionários. Neste estudo, a adolescência é entendida como uma atitude reivindicatória, sob uma perspectiva histórico/transitória, pois a adolescência define-se por seus caracteres identitários e sócio/culturais, sendo fortemente influenciada pelo tempo, pelo meio social, pelo cultural e pelo econômico. O desenvolvimento da pesquisa foi relevante no sentido de avaliar as ações desenvolvidas pela escola para minimizar os conflitos internos entre seus integrantes, bem como, as razões que os induzem a praticar atos violentos no interior da instituição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência; Conflitos; Escola; Pesquisa; Violência.

**ABSTRACT:** This paper aims to present a vision of violence, of and against the school district in Porto Belo in the border city of Foz do Iguaçu. The practices presented are related both to internal problems (contempt, verbal and physical aggression, threat), as the external (smuggling and drug trafficking) in the school routine. The information was obtained from field research conducted in the educational

<sup>1</sup> Este texto, com algumas modificações, foi apresentado e discutido no IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL: Encontros etnográficos com crianças, adolescentes, e jovens em contextos educativos e I SIMPÓSIO INTERNACIONAL de investigações qualitativas com participação de crianças, adolescentes e jovens UNIOESTE - Campus de Foz do Iguaçu/PR em 28 e 29 de abril de 2016 e, apresentado no V Simpósio Paranaense de Ciências Sociais (#CONNECTANDOMUNDOS #REPENSANDORELAÇÕES) – UNIOESTE – Toledo/PR, de 18 a 20 de maio de 2016.

institution of the district through observations, open interviews and questionnaires with teenagers, teachers and staff. In this study, adolescence is seen as a claiming attitude, under history/transitional perspective, because adolescence is defined by its identity characters and socio/cultural, being strongly influenced by time, the social, the cultural and the economic. The development of the research was relevant to assess the actions taken by the school to minimize internal conflicts among its members, as well as the reasons that induce them to perform violent acts within the institution.

**KEYWORDS:** Adolescence; Conflicts; School; Search; Violence.

## 1 | INTRODUÇÃO

A violência sempre existiu, não sendo apenas um problema da modernidade. Contudo, constatam-se mudanças em sua composição e nas suas formas de manifestação de maneira geral. Na sua pesquisa de mestrado sobre a violência no ambiente escolar Priotto (2011, p. 71) descreve várias maneiras de apresentação do fenômeno violência: doméstica, política, religiosa, criminal, simbólica, nas escolas, contra a criança, o jovem, o idoso, a mulher, o afrodescendente, entre outras. Como em diversos lugares do planeta, no Brasil, ela consiste em um dos produtos do sistema político/econômico injusto que contamina as atividades do sujeito social. Na raiz da injustiça, está um sistema socioeconômico baseado na desigualdade e na pobreza crescente para a maioria, enquanto uma minoria se beneficia do poder aquisitivo alto.

As causas da violência urbana variam conforme o lugar e os meios que favorecem sua perpetuação. Os grandes centros urbanos têm sido os mais atingidos por abrigarem uma população carente de programas sociais que atendam a suas necessidades básicas como: saúde, educação, emprego, moradia e segurança. Na verdade, é uma situação desconfortável que gera a sensação de insegurança nas cidades desenvolvidas nas quais os problemas sócio/econômicos são em grande escala e de difícil solução em médio e curto prazo. O processo acelerado de urbanização e globalização vivenciado por muitos lugares tem gerado algumas consequências e, por isso, o assunto tem feito parte dos discursos políticos, mas não necessariamente em forma de práticas voltadas para a prevenção. Muito pelo contrário, o medo coletivo da população tem pressionado os órgãos competentes por mais segurança dos cidadãos adotando punições mais severas aos agressores.

Em específico à violência no contexto escolar, o trabalho de pesquisa apresentado analisa a violência entre adolescentes no colégio do bairro Porto Belo na cidade de Foz do Iguaçu. O interesse pela temática surgiu a partir de situações vivenciadas no interior do ambiente escolar, onde trabalhei pelo período de dois anos. Muitas eram as notícias divulgadas pela imprensa envolvendo adolescentes desta região, como também, das situações de agressões físicas e verbais presenciadas no interior da instituição entre alunos e dos mesmos para com os professores e funcionários, além, dos danos, ao patrimônio público, causados pelos alunos.



Para tanto, foram realizadas observações no interior e entorno do colégio, entrevistas abertas e aplicação de um modelo de questionário para os adolescentes (56 alunos de duas turmas: 9º ano A e 1ª série A) e outro modelo para os professores e funcionários (15 profissionais convidados) abordando o assunto em pauta. Posteriormente, foram sorteados, pela lista de frequência, oito alunos (4 de cada turma) para uma entrevista aberta a fim de sanar as dúvidas surgidas nas respostas descritas pelos mesmos. A etapa final, da pesquisa de campo, foi de consulta aos livros Atas da instituição para verificação das práticas que descrevem a violência *na, da e contra* a escola presentes no ambiente estudado.

Nesse sentido, a intenção foi conseguir desenvolver um trabalho descritivo dos dados obtidos na pesquisa de campo com aprofundamento de informações. Cada participante recebeu uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, assinada pela pesquisadora, ao término da entrevista aberta, realizada com os adolescentes e os funcionários moradores do bairro e após o preenchimento dos questionários. Os professores e funcionários foram convidados pessoalmente pela pesquisadora e selecionados da seguinte maneira: professores residentes no bairro, funcionários moradores, professores não residentes e funcionários que possuem filhos estudando no colégio. O número de participantes adotado e a diversidade da seleção foram com o intuito de encontrar o ponto de saturação das informações sobre a temática em pauta com o objetivo de obter uma quantidade suficiente de entrevistados para desenvolver um trabalho descritivo com qualidade de informações e aprofundamento teórico.

Fazendo referência à metodologia adotada é possível dizer que é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e instrumentos para melhor entendimento do objeto em estudo no seu contexto real. Como pode ser observado, buscou-se verificar por meio de pesquisa mista, analisar o fenômeno violência na região, no interior e entorno colégio estadual do Porto Belo, na qual foi possível descrever as práticas que constata a violência *na, da e contra* a escola no contexto pesquisado.

## 2 | SITUANDO O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA E SEUS ATORES

Embora exista um conjunto de variáveis sobre a palavra região, é necessário descrever que a cidade de Foz do Iguaçu está dividida em doze regiões, ou seja, a cidade está dividida em doze mundos sociais. Cada região recebe o nome de um bairro que, geralmente, é um dos primeiros a se formarem. A região na qual está inserido o Porto Belo, é denominada de 'Região da Vila C'. É limitada ao norte pela Hidrelétrica de Itaipu (Lago), a oeste pelo rio Paraná, a leste pela Subestação de Furnas e ao sul pelo rio Mathias Almada. O bairro está entre os mais antigos do município. Ouvindo alguns moradores residentes há mais de 20 anos, as reivindicações de melhorias

são inúmeras: asfalto, praças com melhor estrutura (iluminação, árvores, bancos...); mais apoio à terceira idade; academia comunitária ao ar livre; cursos do PROVOPAR: Programa do Voluntariado Paranaense (manicure, cabeleireiro, chefe de cozinha, artesanato, entre outros) mais próximo da região; mais policiamento no bairro; projetos direcionados aos adolescentes e jovens (para que não fiquem ociosos nas ruas); melhorias no posto de saúde, entre outras.

O colégio estadual do Porto Belo é responsável pelo segundo ciclo - 6º ao 9º ano do ensino fundamental; pela 1ª à 3ª série do ensino médio; e, pela educação de jovens e adultos (EJA). Na medida do possível garante o número de vagas suficiente para atender o processo de escolarização dos moradores no entorno da região. A instituição foi inaugurada, oficialmente, no dia 10 de junho de 1995, durante o governo de Jaime Lerner. Em síntese, é mantido pelo poder público estadual, administrado pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), nos termos da legislação em vigor e pela Deliberação nº 16/99 – Conselho Estadual da Educação.

Para melhor descrever as características dos sujeitos sociais estudados, foi necessário realizar algumas observações no interior e no entorno do colégio. Nesse exercício, observa-se que parte significativa dos adolescentes se inspira em algum (a) amigo (a) com quem mais se identifica, pois existem grupos para cada atividade que realizam. No horário do intervalo (hora do lanche), jogam basquete, tênis de mesa, outros jogam truco, alguns casais (namorados) ficam abraçados, mas sem beijos, pois não é permitido no espaço interno – se forem vistos, assinam registro na ata e os responsáveis são comunicados. Normalmente, toca o sinal para o retorno às salas e eles fingem não ouvir. Com frequência, uma pedagoga precisa dirigir-se à quadra de esportes e convidar os demais para retornarem às salas de aula. Ficam em pequenos grupos para conversar, são alegres, ouvem música no celular e acessam a internet (redes sociais), entre outras ações.

Fazendo referência aos entrevistados, observa-se que possuem suas características próprias, mas, de maneira geral, assemelham-se à maioria dos adolescentes da sociedade atual. Em alguns, as características físicas são visíveis como, por exemplo: cabelo tingido nas pontas (vermelho, loiro, azul, rosa, etc.), seja longo ou curto; uma pequena parcela das meninas se destacam pela maquiagem (escura) muito marcada nos olhos e batons em tom vermelho, rosa pink ou coral; as vestes são calças justas, mini blusas/saias/shorts e, complementando o visual, muitas pulseiras e brincos/argolas enormes. As que usam saias no joelho ou mais longas frequentam algum segmento religioso mais conservador, pois, também não usam maquiagem e nem acessórios exuberantes - brincos e pulseiras grandes.

As informações contidas na literatura (LEVISKY, 2000; GOMIDE, 2012; LISBÔA, 2006; SALES, 2013; PRIOTTO, 2011) referentes à adolescência pontuam que os indivíduos, nessa fase, se apropriam de trajes, acessórios e/ou linguagem como meio de afrontar/chocar a família (mais tradicional), que discorda do comportamento que adotam. Na verdade, no entendimento dos adolescentes, a família, a igreja e a escola

são instituições repressoras, pois estão sempre determinando regras/convenções a serem adotadas. Neste sentido, a mídia brasileira influencia o comportamento desde a infância, pois repassa a imagem de que o famoso ou bem sucedido é feliz e, para ser feliz, é preciso ter fama, sucesso e dinheiro.

Conforme a Psiquiatra da Infância e da Adolescência, Amélia Thereza de Moura Vasconcelos (2000) o copiar o outro sugere um enfraquecimento da personalidade e que, talvez por esta razão, “estamos diante de uma crise de valores onde perdemos a noção do limite entre o bom e o mau. São esses conceitos aprendidos que regem nosso comportamento a nível social” (p. 138). Para a autora, o processo educacional tem participação importante no sentido de repassar os valores da cultura na qual cada um vive e faz uma análise crítica dos programas televisivos que incentivam o consumismo contribuindo para que os adolescentes absorvam valores de posse, ou seja, valorizem o que cada um possui e não o que tem a oferecer.

Considerando os elementos expostos, Levisky (2000) enfatiza que os adolescentes, com suas características biopsicossociais, tendem, de maneira espontânea e natural, descarregar seus impulsos agressivos através de expressões impulsivas sem pensar nas consequências e que, em muitas situações, pensam depois do ato concretizado, ou seja, “são vias de expressão rápidas e buscam satisfação imediata dos desejos sem passar pelos critérios de avaliação, simbolização e linguagem” (p. 21). Para o mesmo autor, é na fase da adolescência que o indivíduo tem uma dificuldade enorme de conviver com regras e talvez a maneira “democrática” como a sociedade se organiza com certas normas, em condições de igualdade para todos – isso vale para o essencial, mas existem as diferenças que precisam ser respeitadas, haja vista que as representações são sempre complexas.

Em relação a esse aspecto, no ambiente pesquisado, observou-se o não cumprimento de regra em relação ao horário de entrada do turno da manhã – 7h 30min – para a primeira aula, em média, os alunos atrasam de 15 a 20 minutos; resistência ao uso do uniforme escolar; ausentar-se da instituição sem autorização (direção e/ou supervisão); desrespeito às normas descritas no regimento escolar como: limpeza e conservação do espaço interno, pátio e salas de aulas, respeitar todos do ambiente, entre outros. Entretanto, sabe-se que se faz necessário um trabalho de orientação que deve ser realizado por todos da comunidade escolar no decorrer do ano letivo para que o processo educacional transcorra de maneira satisfatória.

Algumas informações descritas pelos adolescentes, na pesquisa de campo, foram suficientes para demonstrar que o envolvimento do gênero feminino (25%) em brigas, é maior em relação aos do gênero masculino (21%). Parece que, no momento, a configuração é oposta a de décadas anteriores, nas quais os homens brigavam mais e as mulheres eram mais pacíficas. Porém, a situação sugere uma busca de equidade até mesmo no quesito violência. Por outro lado, dos 56 declarantes (masculino/feminino), que responderam as questões, apenas 15% assumiu ter brigado no espaço interno do colégio e, nem sempre, sabem explicar a razão. Algumas adolescentes

disseram que, geralmente, brigam por causa de algum menino que têm interesse. Já os adolescentes relatam que não perdem tempo conversando e que, às vezes, é apenas para assustar ou provocar medo. Para os professores e funcionários esses comportamentos agressivos são decorrentes da ausência dos pais na vida dos filhos e/ou da disfuncionalidade da família.

### 3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista que o fenômeno violência é atravessado por diferentes variações e interpretações e, a fim de tentar compreendê-lo, é necessário situar-se em algumas análises e lançar mão de diversos saberes e conceitos, sem “economia”. De início, é crucial compreender o termo Representação Social, o qual veio à tona no trabalho do psicólogo social francês Serge Moscovici (1961, 1976). Segundo Moscovici, a razão pela qual as pessoas constroem representações sociais está diretamente ligada à necessidade de transformarem em “familiar”, aquilo que ainda não o é, a fim de compreenderem a realidade e terem/darem um sentido de pertencimento do/ao grupo. Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais elaborada por Moscovici é uma teoria que pode ser abordada em termos de produto e em termos de processo, pois a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica (ABRIC, 1994, p. 188).

As representações sociais, compreendidas como mediadoras de condutas, carregam, muitas vezes, valores e características do poder hegemônico em sua constituição. Portanto, configuram fortemente seu papel ideológico dentro da estrutura social a que pertencem. Isto pode ser observado na construção social das necessidades e desejos, dos significados, das referências afetivas e cognitivas que dão origem à compreensão dos fenômenos (SPINK, 1995). A necessidade do estudo das representações sociais para compreender o fenômeno da violência na adolescência passa a ser um dos primeiros passos para o entendimento do comportamento violento dos nossos jovens.

Ainda nesse sentido, autores como Bock, Gonçalves e Furtado (2001) apontam para a inexistência da adolescência como uma fase natural do desenvolvimento, pois ela é construída segundo os padrões culturais que marcam um dado momento na história, podendo ser compreendida inserida no contexto que lhe deu origem; para esses autores, não há nada de patológico no processo adolecer, mas sim, a presença das marcas da contemporaneidade que determinam os padrões comportamentais existentes nos jovens hoje.

Por isso, ao fazer uma imersão sobre o tema violência ainda é necessário fazer uma clivagem a fim de promover uma distinção entre alguns conceitos, que para o senso comum, por vezes, é tratado como semelhante. Nesse sentido, segundo Osório

(1999) necessário é fazer a distinção entre os termos violência, agressividade e agressão. Segundo esse autor, a agressividade é definida como uma propulsão para a ação, o que nos impulsiona em nossos propósitos, quer seja para os construtivos quer seja para os considerados destrutivos. Já, o termo agressão possui o caráter negativo e destrutivo da agressividade. Para Osório (1999) a violência está situada no extremo da conduta agressiva, circunscrita apenas a fins destrutivos.

Em se tratando do fenômeno violência é importante destacar que não há uma explicação uni causal, sendo a mesma um fenômeno multifacetado e complexo, porém, é importante salientar na gênese das muitas formas de violência, a violência intrafamiliar e a violência vivenciada em contextos extrafamiliares podem estar na base do(s) comportamento(s) violento(s). Nesse sentido, o fenômeno violência tem despertado a atenção, pois surge e se amplia a diferentes contextos, como a comunidade e a escola, o que tem despertado a atenção de pesquisadores, autoridades, professores e da própria mídia devido à alta prevalência não apenas no Brasil (BENETT et al., 2006; De ANTONI, 2005; RISTUM, 2010), mas em diversos países (SULLIVAN et al., 2007).

Dessa forma, neste contexto da adolescência constituída como época de transição e passível de influências sociais importantes, aparece o fenômeno da violência como uma situação à qual os adolescentes estão expostos e com a qual devem lidar. Pichon-Rivière e Quiroga (1998) salientam um dos fatores psicossociais da constituição do comportamento violento, explicando que “a violência pode ser definida como uma reação coletiva provocada pelo acúmulo de frustrações de indivíduos que, num momento dado, por se identificarem num mesmo conflito adquirem uma pertença” (p.70). Tanto a violência quanto a agressão, estão vinculadas a algum dano, seja ele material, corporal, emocional ou ético. Logo, estão inseridas no contexto das relações sociais. Dentro deste pressuposto, a interação entre as pessoas está fortemente organizada pela interiorização das normas e o autocontrole, estruturados no desenvolvimento da personalidade.

Assim sendo, dada à gênese multivariada da violência, uma contribuição importante para a fundamentação da temática da violência no ambiente escolar é a obra da professora e pesquisadora Elis Maria Teixeira Palma Priotto (2011) que sugere a união entre a segurança, a saúde e a educação para a criação de programas de atendimento aos alunos, cada um nas suas especificidades, considerando a diversidade local e incluindo os responsáveis e a comunidade escolar no sentido de amenizar os conflitos entre os adolescentes no ambiente escolar como: melhorias na estrutura física e na segurança de todos que frequentam o lugar; elaboração e implantação de projetos direcionados para a valorização individual e coletiva dos membros da escola; cursos, no contraturno (teatro, dança, música, informática, pintura, etc.); ações educativo/culturais (competições esportivas, eventos festivos, feiras culturais, etc.), que colaborem com a aproximação de familiares e comunidade, entre outros.

Contudo, sabe-se que a escola sozinha não será autossuficiente para efetuar as mudanças necessárias. É preciso o empenho e compromisso de todos com o



processo educacional para que o espaço passe a ser um lugar com melhores condições psicossociais para aprendizagem e desenvolvimento saudável dos alunos e de todos que dele fazem parte. Neste sentido, as reflexões elaboradas por Priotto (2011) sobre a violência escolar, consistem em diversas manifestações entre os membros que compõem o contexto. A autora salienta que há um desnorreamento no que se refere aos termos violência e indisciplina, pois, em algumas situações, são usados como sinônimos no ambiente escolar e que a indisciplina no interior da escola, na maioria das vezes, é oriunda de fatores externos e considera um dos maiores desafios e ser enfrentado pela escola na atualidade. A mesma reforça que tanto a indisciplina quanto a violência merecem atenção de todos os envolvidos no processo educativo. Porém, a violência um pouco mais, por trazer consequências (física e emocional) ao desenvolvimento do sujeito. Pontua também, sobre os tipos de violência presentes no contexto escolar, como:

A violência *contra* a escola é representada como atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo e furtos do patrimônio como paredes, cadeiras, carteiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares; em relação à violência *da* escola, mostra-se todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam os seus membros como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo). A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar - abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade por parte dos professores, diretores e supervisores (...); a violência *na* escola, em alguns casos, deve ser analisada como a violência *da* escola: o aluno agredir o professor ou usar forças ou não contra o professor, o diretor ou funcionário. Caracteriza-se numa violência gerada através da maneira como a instituição e seus agentes tratam em virtude de regras e normas estabelecidas (PRIOTTO, 2011, p. 96-97).

Em linhas gerais é nesse contexto conflituoso que se encontra o adolescente saindo do luto (sentimento de perda) da infância, vivendo uma fase especial e específica de mudanças comportamentais e psíquicas, de novas descobertas, de muitas dúvidas e almejando uma liberdade que não conhece. De acordo com Levisky (2000, p. 50) é uma época de grandes e muitas (re) estruturações do psiquismo do indivíduo. O autor reforça a importância de “orientar”, “educar” e “proteger” os adolescentes. Em relação ao enfrentamento da violência, acrescenta que a sociedade atual está num estado de violência e de destruição, onde os cidadãos não têm garantias suficientes de sobrevivência.

No que se refere à indisciplina, Priotto (2011) sugere alguns autores da temática, abordados na sua pesquisa e reforça que pode ser caracterizada como sendo a quebra de regras ou, até mesmo, a ausência delas. Para a autora:

A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar – abuso de poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autor por parte dos professores, diretores e supervisão, como avaliação, atribuição

de notas, entrega de boletins, marginalização, desvalorização da profissão de professor, sua insatisfação, indiferença, absentismo dos alunos, despreparo do profissional (reflexo do medo), falta de estímulos e interação entre educação continuada, discriminações diárias onde se destacam como situação que não envolva força, mas se caracteriza por ações de força (PRIOTTO, 2011, p. 97).

Na verdade, o assunto violência no ambiente escolar deve ser abordado em várias disciplinas (português, história, sociologia, filosofia e ensino religioso, entre outras), partindo da ideia de que é necessário um processo coletivo de todos os envolvidos na educação. Dessa forma, todos se sentirão responsáveis por criarem um ambiente saudável e seguro para o desenvolvimento da aprendizagem e ainda que:

A violência está no cotidiano da escola e, nesta concepção, para trabalhar com o problema diário, tem que ter práticas pedagógicas, educativa como aprendizagem e reflexão por parte dos alunos, professores, direção, familiares e demais membros da comunidade escolar, todos com um mesmo objetivo de construir uma visão crítica sobre o assunto, para então propor alternativas concretas para superá-las (PRIOTTO, 2011, p. 152).

Fazendo referência à violência *contra* a escola, há o outro lado dessa violência que é o desvio de verbas públicas, abandono dos prédios públicos, a péssima remuneração dos profissionais da educação, entre outros. Prédios pobres, sujos, degradados, onde ninguém quer estar – nem aluno, nem professor – por isso, o aluno que não tem estímulo se evade, seja desistindo, seja pulando o muro e indo embora mais cedo. Uma das precauções adotada pelo colégio foi aumentar o muro (mais 1 metro) após um ex-aluno pular e adentrar para matar outro que estava em sala de aula. Como também o atentado, em junho de 2012, contra a instituição como represália pela apreensão de uma motocicleta, pela Patrulha Comunitária Escolar, no portão de entrada porque perturbava o andamento das atividades escolares.

Entretanto, considerando toda a estrutura física do colégio, de maneira geral, na coletânea elaborada pelas autoras Westphal e Bydlowski (2010, p. 226), consta que a sensação é de desânimo e de que o esforço não vale a pena. A definição é de que a escola, atualmente, representa um lugar de reprodução de miséria. Contudo, a escola pode reverter a situação aproximando, criando saber, conhecimento, e abrindo a instituição para a comunidade, assim criará aproximação estabelecendo relações mais próximas, e quem sabe assim, a destruição do patrimônio público diminuiria.

Assim, em relação à violência *contra* a escola, é preciso destacar que todo início de ano letivo são realizados reparos emergenciais no colégio e pouco tempo depois (um bimestre), já se percebe carteiras e paredes riscadas, portas e fechaduras arrancadas, ventiladores e vidros quebrados, entre outros danos. Nesse mesmo período é realizada uma conscientização, com todos os alunos, sobre a conservação da instituição, contudo, o difícil é fazê-los cumprir. Porém, sabe-se que é um processo longo e que requer um trabalho contínuo. A alternativa encontrada pelos administradores da instituição, para não arcar com as despesas extras, foi regimentar e quem danificar,

o (a) responsável será chamado (a) e pagará pelo dano. Ressaltando que esta não é a realidade específica do ambiente pesquisado, mas da maioria das instituições públicas de ensino no país.

No quesito violência *na* escola, um aspecto preocupante pontuado por Priotto (2011) no quesito da violência *na* escola é o *bullying* que se sobressai em relação à agressão física. No contexto pesquisado, existem situações de transferência do aluno para outra escola por medo e/ou porque recebeu ameaça e recusa-se a ir à escola. O que, a título de hipótese, quando não ocorre a transferência, há o abandono dos estudos. Conforme a mesma autora, “atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar, sempre foram encontradas nas escolas públicas ou particulares” (p. 93). Ainda segundo a autora, o *bullying* é mais sério porque colabora para que a “vítima” isole-se, sinta-se insegura, e até mesmo, discriminada, o que, em alguns casos, também contribui para a evasão escolar. Neste aspecto, existe muita reclamação por parte dos professores sobre a falta de respeito, dos alunos, para com eles.

Na concepção de Priotto (2011, p. 96), a violência *da* escola é uma reversão do que foi descrito, anteriormente, pois as práticas educativas adotadas pelo processo educativo são as que prejudicam os membros que a frequentam. Nos registros consultados, encontraram-se anotações referentes aos alunos de ambos os gêneros como: remanejado (a) de horário; fraco (a); desinteressado (a); apático (a); com baixo rendimento; não faz atividades, entre outros. Esses elementos podem colaborar para o elevado índice de evasão, principalmente, no período noturno, quando somados às práticas laborais dos adolescentes e jovens, pois, segundo informações obtidas no local, muitos deles trabalham com mercadorias oriundas do Paraguai e não existe dia certo para estarem na ativa, já que, a facilitação da passagem do país vizinho para o Brasil, pelo rio Paraná, depende do rigor da fiscalização dos órgãos repressores ao contrabando na região de fronteira, por isso, se ausentam mais cedo da aula, faltam muito, ficando difícil conciliar estudo/trabalho, acontecendo a ausência e a desistência.

#### 4 | RESULTADOS ALCANÇADOS

A partir da metodologia aplicada à pesquisa no colégio estadual do Porto Belo conseguiu-se chegar aos seguintes resultados:

- 1º) Para 58,92 % dos adolescentes entrevistados o Porto Belo é violento;
- 2º) Para os adolescentes o acerto de dívidas, em decorrência do tráfico de drogas, foi citado por 68,96% e, o tráfico de drogas por 62,06% como colaboradores para a violência local;
- 3º) Apenas 15% (masculino/feminino) assumiu ter se envolvido em brigas no espaço interno da instituição. Quando separados por gênero, 25 % feminino assumiram que já se envolveram em brigas e 21% masculino;

4º) A violência no ambiente pesquisado é real conforme dados apresentados na pesquisa;

5º) Conforme os moradores ouvidos, a desvalorização dos imóveis e a dificuldade de conseguir emprego por viver numa região conhecida como violenta, é uma das consequências da violência no local.

Em relação aos conflitos entre os adolescentes, no ambiente pesquisado, existem alguns registros nos livros Atas que, de certa maneira, são mais utilizados como punição do que como orientação. Contudo, merecem ser discutidos no sentido de demonstrar a amplitude e a complexidade dos episódios ocorridos na instituição escolar. No colégio, existem três diferentes tipos de livros de registros - cada um específico para a situação: 1º) Para os registros mais graves quando a Patrulha Escolar é acionada pela equipe pedagógica ou pela direção; 2º) Para situações diversas que acontecem em cada turno; 3º) É específico por turma, no qual constam anotações individuais de cada aluno - atrasos, rendimento escolar e indisciplina, entre outros.

É possível afirmar a presença da violência *na*, *da* e *contra* a escola nos registros consultados. No quadro abaixo constam as anotações mais frequentes encontradas nos documentos analisados (dos três turnos) na instituição escolar no ano de 2013 e início de 2014.

Descrição dos atos:	Quantidade:
Desacato ou agressão verbal do aluno para com o professor.	31
Agressões físicas e verbais entre os alunos.	29
Danos ao patrimônio público causado pelos alunos.	15
Desacato e ameaça à pedagoga ou direção.	09

Fonte: Quadro elaborado pelos autores com base nos registros dos livros Ata do colégio.

Percebe-se, no quadro, que as agressões envolvendo os alunos predominam e as razões apontadas pelos entrevistados – professores e funcionários - para esse comportamento são as mais diversas da violência *na* escola. Os mesmos afirmaram ter presenciado algum tipo de agressão (física e/ou verbal) entre alunos e/ou envolvendo aluno/professor no espaço interno do colégio. As razões atribuídas por estes interlocutores são de que, às vezes, existe violência dentro de casa e o (a) aluno (a) considera natural agir da mesma forma no ambiente escolar. Alguns acrescentaram: o estresse do professor na escola gera um descontrole de ambas as partes; as ameaças que o professor recebe; o aluno sob efeito de entorpecente no interior do colégio; a rivalidade entre alunos por futilidades, entre outros.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados alcançados, pode-se dizer que os adolescentes entrevistados

reconhecem a existência da violência no espaço escolar e na região. Os interlocutores têm noção de com quem devem andar e terem amizade, o que e para quem falar o que sabem e, acima de tudo, até onde devem transpor as fronteiras, sejam elas concretas ou conceituais. Mas também, reconhecem que, às vezes, ultrapassam os limites no que diz respeito às reações agressivas que praticam dentro do colégio quando professores, pedagogos e diretores aplicam algumas medidas para solucionar as manifestações que acontecem no interior da instituição. Não suficiente, sabem que determinadas práticas são decorrentes de problemas mal resolvidos fora do ambiente escolar.

A violência *na* escola é caracterizada por várias manifestações no cotidiano diário dos livros Atas praticadas por todos os membros da escola (alunos, professores, pedagogos, direção e funcionários). Os registros mais comuns foram o de desacato ou desrespeito para com os professores e agressões físico/verbais entre os educandos. Além de que, em algumas situações de ameaças, as vítimas preferem não representar judicialmente o fato ocorrido.

Em relação à violência *da* escola, se apresenta como todos os tipos da prática que são utilizadas pela instituição de ensino que possam prejudicar os sujeitos que dela fazem parte. Neste aspecto, os registros são relacionados aos alunos e não sobre os conteúdos e práticas docentes considerados desestimuladores. Assim, torna mais difícil o (a) estudante sentir-se valorizado (a) e ter estímulo para prosseguir com os estudos.

De maneira geral, no ambiente pesquisado, constatou-se que a violência *contra* a escola destaca-se, num contexto mais amplo, que se estende desde o abandono dos prédios públicos até os danos causados por quem a frequenta, em específico, os alunos. Os mais comuns encontrados nas anotações consultadas foram de: vidros, portas e carteiras quebrados, paredes, carteiras e muro riscados, lixo jogado no chão, bem como destruição dos ventiladores das salas de aula e dos extintores de incêndio, entre outros.

O principal ponto a ser destacado nas análises das entrevistas é o de que a violência no ambiente escolar gera insegurança, medo, estresse e, às vezes, impotência por parte dos professores e corpo administrativo. São situações que causam desânimo para a realização da função com estímulo. Na verdade, entende-se que a violência no espaço escolar necessita de atenção especial para que todos os inseridos no processo ensino/aprendizagem possam juntos, encontrar possibilidades de enfrentamento do fenômeno e o ambiente torne-se mais prazeroso de ser frequentado.

Outro aspecto constatado foi a ausência de projetos na instituição de ensino que contemplem práticas educativas e não punitivas. Em relação a amenizar o fenômeno violência no espaço escolar, não há políticas sociais (esporte, lazer e saúde), muito bem pontuadas pelos interlocutores da pesquisa de campo, direcionadas aos interesses dos adolescentes do Porto Belo, pois, segundo os mesmos, não estariam ociosos, no contraturno, envolvendo-se com más companhias e com coisas erradas - usando



drogas, por exemplo.

É pertinente pontuar que pesquisar a violência entre adolescentes não foi uma tarefa fácil, pois além de um fenômeno multifacetado, é complexo e está relacionado a muitos fatores que colaboram para sua perpetuação. No caso específico do Porto Belo, dois elementos apareceram nas narrativas dos interlocutores como causadores da violência local: o tráfico de drogas e o contrabando. Neste sentido, o sentimento foi de insegurança e de impotência diante de uma realidade concreta onde existe a carência e a ausência de perspectivas transformadoras, pois segundo os entrevistados, esses dois elementos sempre existirão. Portanto, lhes restam o enfrentamento da situação de como lidar, diariamente, com o preconceito e com a discriminação por parte de quem não tem a compreensão da sua totalidade. Como também, que o envolvimento das famílias com o trabalho “ilegal” colabora para que seus integrantes causem transtornos na vida cotidiana das pessoas e no ambiente escolar. Por isso, se faz necessário uma ação integrada entre o poder público e a sociedade no sentido de, pelo menos, amenizar os impactos da violência na vida dos que com ela convivem diariamente.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a.  
BENETTI, S. P. C., GAMA, C., VITOLO, M., SILVA, M. B., D’AVILA, A., & ZAVASCHI, M. L. (2006).

**Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência.** *Psico*, 37(3), 279-286.

BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M., & FURTADO, O. (2001). **Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez.

DE ANTONI, C., YUNES, M. A. M., HABIGZANG, L., & KOLLER, S. H. (2011). **Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães de vítimas.** *Estudos de Psicologia*, 28(1), 97-106.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (colabs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOMIDE, P. I. C. **Menor infrator: a caminho de um novo tempo.** 2ª. Ed. Curitiba: Juruá, 2012.

LEVISKY, D. L. (Org.). **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LISBOA, A. M. J. **A primeira infância e as raízes da violência.** Brasília: LGE Editora, 2006.

MOSCOVICI, S. (1994). Des représentation collectives aux représentations sociales: Éléments pour une histoire. Em D.Jodelet (Org.), *Les représentations sociales* (pp. 62-86). Paris: Presses Universitaires de France.

PICHON-RIVIÈRE, E., & QUIROGA, A P.(1998). **Psicologia da vida cotidiana.** São Paulo: Martins Fontes.

PRIOTTO, E. M. T. P. **Violência escolar: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

OSÓRIO, L. C. (1999). Agressividade e violência: o normal e o patológico. Em J. V. T. dos Santos (Org.), *Violência em tempo de globalização* (pp. 522-542). São Paulo: Hucitec.

RISTUM, M. (2010). Violência na escola, da escola e contra a escola. In S. G. Assis, P. Constantino &

J. Q. Avanci (Orgs.), **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** (pp. 65-93). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/MEC.

SALES, M. A.; MARINS, M. C.; LEAL, M. C. (Orgs). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SALES, M. A. **(In) Visibilidade Perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. Publicada em 29 mar. 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 6 set. 2013.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. **Índices de homicídios na adolescência [IHA]: análise dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Brasília: Programa de redução de violência letal contra adolescentes e jovens**. (PERVL), 2009.

SPINK, M. J. (Org.). (1995). **O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense.

SULLIVAN, T., FARRELL, S., KLIEWER, W., VULIN-REYNOLDS, M., & VALOIS, R. (2007). **Exposure to violence in early adolescence: the impact of self-restraint, witnessing violence, and victimization on aggression and drug use**. *Journal of Early Adolescence*, 27(3), 296-323.

VASCONCELOS, A. T. M. Violência e educação. In: LEVISKY, D. L. (Org.). **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 135-138.

WESTPHAL, M. F.; BYDLOWSKI, C. R. (Edit.). **Violência & juventude**. São Paulo: Hucitec, 2010.

ZALUAR, M. A. Do dinheiro e dos homens no tráfico de drogas. In: WESTPHAL, M. F.; BYDLOWSKI, C. R. (Edit.). **Violência & juventude**. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 162-194.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Janaina Merhy** - Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro - 2016). Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - 2002). Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pelo IPTC (Instituto Paranaense de Terapia Cognitiva - 2019). Possui graduação em Psicologia pela UTP (Universidade Tuiuti do Paraná - 2010) e em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda – pela UFPR (Universidade Federal do Paraná -1996). Atua com Psicologia Clínica e, na área acadêmica, como professora e orientadora em graduação e pós-graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-207-4



9 788572 472074